



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

LAYRES DA CONCEIÇÃO LOIOLA SOARES

**ENFRENTAMENTOS DE JOVENS NEGRAS:
INTERSECCIONALIDADES NO DISCURSO DAS SLAMMERS DE
SOBRAL-CE, BRASIL.**

SOBRAL

2017

LAYRES DA CONCEIÇÃO LOIOLA SOARES

ENFRENTAMENTOS DE JOVENS NEGRAS: INTERSECCIONALIDADES
NO DISCURSO DAS SLAMMERS DE SOBRAL-CE, BRASIL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- *Campus* Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nara Maria Forte
Diogo Rocha

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S655e Soares, Layres da Conceição Loiola.
ENFRENTAMENTOS DE JOVENS NEGRAS: INTERSECCIONALIDADES NO DISCURSO DAS
SLAMMERS DE SOBRAL-CE, BRASIL / Layres da Conceição Loiola Soares. – 2018.
30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

1. juventude. 2. rap. 3. feminismo negro. 4. racismo. 5. interseccionalidade. I. Título.

CDD 150

LAYRES DA CONCEIÇÃO LOIOLA SOARES

ENFRENTAMENTOS DE JOVENS NEGRAS: INTERSECCIONALIDADES
NO DISCURSO DAS SLAMMERS DE SOBRAL-CE, BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- *Campus* Sobral, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nara Maria Diogo Forte

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha (ORIENTADOR)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gemes
Universidade Vale do Acaraú (UVA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela vida e por me dar saúde e coragem para o empenho a esse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Leila Silvia e Elias Aurélio, uma professora e um pedreiro, por toda dedicação, luta, amor e carinho que tiveram com a minha educação, principalmente nessa graduação, por me apoiarem em todas as minhas decisões, nas horas difíceis e de cansaço, sempre caminhando comigo em busca da realização dos meus desejos. Agradeço, também, aos meus familiares em geral, Luygue, Carla, Valdonio, João Miguel, Maria Fernanda, Socorro, Gizelda, por entenderem as minhas ausências nesse período e de forma indireta me darem forças nessa caminhada. À Alexandre Silva, meu companheiro, pela paciência e incentivo nesses dias de produção, pelas palavras de apoio e por todo amor e esforço na busca de nossos sonhos.

Agradeço a todos os professores que me inspiraram durante a graduação, por terem contribuído com meu crescimento profissional e pessoal, na qual, se tornaram fundamentais para a construção de um saber ético e político. Gostaria de agradecer, em especial, a minha querida orientadora, Professora Nara Maria Forte Diogo Rocha pelo apoio, confiança e paciência nessa jornada, principalmente pelas conversas, pelo ombro amigo e por toda a oportunidade de crescimento enquanto mulher negra.

Aos meus amigos de longas datas, Lorena Fernandes, Sávio Sales, Thalita Sena, Dyrlla Raquel e Ariella Bezerra pelo apoio e amizade nos momentos de solidão e saudade. As minhas amigas Mirele Sena, Lizandra Albuquerque, Karoliny Lopes, Alana Rocha, Luana Vale e Maria Letícia que me entenderam nos momentos de estresse, me incentivaram a ser sempre melhor e me acalentaram nos momentos de angústia.

Palavras não são suficientes para expressar meu sentimento de gratidão, mas deixo aqui meu muito obrigada por acreditarem em mim e caminharem comigo essa jornada, ela com certeza se tornou mais leve por causa de vocês.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	METODOLOGIA	11
3.	ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO	12
	3.1 Das encruzilhadas de ser jovem negra e mulher no Sertão do Ceará: enfrentamentos do racismo	12
	3.2 Ser jovem sobralense	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.1
	ANEXOS	23

LISTA DE SIGLAS

ENEM EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

MEC MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PSC PARTIDO SOCIAL CRISTÃO

SISU SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA

UVA UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ

RESUMO

Este estudo¹ objetiva experimentar a ferramenta da interseccionalidade na análise dos poemas produzidos por jovens mulheres da periferia de Sobral-CE, Brasil. Especificamente como os marcadores sociais de raça, gênero e classe são operados por elas em suas produções. Utilizamos, a netnografia como metodologia. Selecionamos cinco vídeos divulgados pelo movimento slam em redes sociais, nos quais as jovens recitam os raps. Foi realizada uma análise temática que nos permitiu observar que os marcadores são operados pelas jovens em complexas conexões para dar conta da leitura que fazem do lugar de onde realizam seus enfrentamentos. Concluímos que o conceito de interseccionalidade funciona como forma de compreender as pautas levantadas pelas jovens em sua articulação envolvendo o momento de vida no recorte etário, de gênero, classe e raça.

PALAVRA-CHAVE: Juventude; rap; feminismo negro; racismo; violência; interseccionalidade.

ABSTRACT

This study aims to test the tool of intersectionality in the analysis of the raps of young women from the periphery of Sobral-CE, Brazil. Specifically how social markers of race, gender and class are operated by them in their raps. We use netnography as methodology. We selected five videos released by the slam Movement in social networks, in which young women sing the raps. A thematic analysis of the raps was carried out, which allowed us to observe that the markers mentioned are operated by young people in complex connections to account for the reading of the place where they perform their confrontations. We conclude, then, that the concept of intersectionality functions as a way of understanding the patterns raised by the young in their complex articulation involving their moment of life in the age, gender, class and race.

KEYWORDS: Youth; rap music; black feminism; racism; violence; intersectionality.

¹ Este artigo foi formatado de acordo com as normas (em anexo) da Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo experimentar a ferramenta analítica da interseccionalidade na análise dos poemas produzidos por jovens mulheres da periferia de Sobral-CE, Brasil no movimento *slam*, termo utilizado do inglês, com tradução livre. Especificamente, discute como os marcadores sociais de raça, gênero e classe são operados por elas nos raps.

Sobral-Ce, é uma cidade de 188.233 habitantes, situada na região norte, havendo aproximadamente 28 mil jovens homens e 30 mil mulheres entre 15 e 29 anos. A história da cidade de Sobral é marcada por possuir um histórico colonial forte, resistente até hoje, que (re)apresenta o racismo nas estruturas físicas das casas, que são tombadas e preservadas com as correntes e os porões onde ficavam os escravos. Ao mesmo tempo em que preserva estas marcas, estas são também invisibilizadas por um modelo de desenvolvimento urbano que, a exemplo de outras cidades, gera uma periferia desassistida em torno de uma parte central mais cuidada. A história da cidade ainda marca diversos relatos de separação negros/não negros, ricos/pobres, na construção dos bairros e nos discursos dos moradores é recorrente até os dias atuais.

Desde o ano de 1984, Sobral conta com uma universidade pública, a Universidade Vale do Acaraú (UVA), entretanto nas últimas décadas foram sendo instauradas tanto universidades federais como particulares na cidade. No ano de 2011 é implementado o Sistema de Seleção Unificada (SISU): uma plataforma digital desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC) e utilizada pelos estudantes que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para inscrição nas instituições de ensino superior, a nota do ENEM seria a forma de ingresso nas universidades. Em 2012 com a aprovação da Lei nº12.711, Lei de Cotas, as instituições de ensino superior federais têm que destinar metade de suas vagas na seleção para estudantes vindos de escolas públicas. A distribuição dessas vagas também leva em conta critérios raciais e sociais. A cidade de Sobral, ao se tornar um polo acadêmico e universitário com cotas para estudantes de escola pública e cotas raciais em 2012, inaugura-se também como berço de muitos jovens e de diversas formas de manifestação dessa juventude.

Para pensarmos intencionalmente todo o engodo que está emergido essa juventude, dentro dessa cidade, elitista, racista e com margens periféricas vamos nos utilizar da ferramenta teórica da interseccionalidade, que nos permite compreender as reverberações estruturais da dinâmica entre dois ou mais marcadores sociais de desigualdade, assim nos possibilitando visualizar essa juventude de maneira mais ampla e estruturada. Surge

originalmente, como um conceito para dar visibilidade às questões de ser mulher negra, revelando as relações de poder que estão envolvidas diretamente nos métodos de opressão e dando significado às lutas e experiências dessas mulheres, que não viam espaço no movimento feminista.

Para Collins (2017), o artigo de Crenshaw, que trabalha a justiça social e racial, datado do ano de 1991, intitulado *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*, inaugura o termo interseccionalidade identificando os vários sentidos e ideias que permeiam o campo, mostrando o que foi consolidado, o que foi silenciado e o que desapareceu. Focando nas experiências das mulheres negras no movimento feminista, percebeu-se que os sistemas de poder já construídos realocam lugares sociais distintos para grupos e indivíduos dentro de uma mesma sociedade, assim as experiências vivenciadas por homens e mulheres brancas são diferentes dos negros e negras.

Ao introduzir o termo interseccionalidade, Crenshaw enfatiza o significado das relações intelectuais e políticas. Crenshaw se baseia na ideia de que mulheres de cor, que se desenvolveram nos movimentos sociais atuais, perceberam que essa questão das relações era crucial - não era suficiente ter um inimigo em comum, ao contrário, tiveram que descobrir padrões de interconexão. [...]O tema das relações permeou os movimentos sociais como se tentassem descobrir como diversos indivíduos e movimentos poderiam trabalhar juntos. (COLLINS, 2017, pp. 10-11)

Assim, atualmente, trata da forma pela qual não só o racismo, mas a pobreza, o machismo, o patriarcalismo e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p.177).

A interseccionalidade permite que não cheguemos a interpretações reducionistas sobre todos os sistemas sociais aos quais estamos inseridos. No Brasil, principalmente, como afirma Luiza Bairros,

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente formando [...] um mosaico que só pode ser entendido em sua multidimensionalidade. [...] Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vvida através do gênero) e de ser mulher (vvida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (1995, p.461).

Neste sentido, a interseccionalidade se torna fundamental para que nossas análises desvendem os processos dinâmicos entre as relações de poder e categorias como classe, gênero e raça em diversos contextos. Especificamos a periferia e a arte produzida pelas jovens

negras e como esses lugares interseccionais produzem diferentes escolhas de vida.

Os desafios são enormes: pensar a interseccionalidade é lidar com as tantas articulações que a situação em análise demandar. Não há uma hierarquização pré-determinada para a análise, o que demanda é uma postura crítica. Enquanto jovem, mulher e negra, sofremos os impactos de uma sociedade racista e machista, que exclui da possibilidade de produzir um conhecimento legítimo e respeitado. Afirmar as potencialidades dessa ferramenta teórica nascida do feminismo negro é fazer referência a uma linhagem de mulheres negras que ousou produzir conhecimento e afrontar o lugar subalternizado que lhes foi historicamente imposto.

A importância de pensar essas articulações dos marcadores sociais feitas neste trabalho a partir da interseccionalidade é, diante dos desafios que isso demanda complexificarmos a discussão pela consideração da questão juvenil e pela compreensão de que jovens negras fora da universidade também produzem importantes conhecimentos sobre sua realidade.

A juventude é marcada por vários paradoxos, desde a transição para a vida adulta, a arbitrariedade do marcador etário, até a marginalidade dessa condição. A juventude está em um lugar de não saber, de necessidade de tutela por parte de um adulto e ser depositária de um futuro ao qual deve responder. Para Peralva (1997) a juventude é ao mesmo tempo uma condição social, uma representação, é muito particular como cada grupo social vai lidar com ela e como vai representa-la.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYREL, 2003, p. 42)

Essa noção nos permite pensar a juventude, construindo sua própria realidade dentro das estruturas que são oferecidas e mais, subvertendo barreiras e fazendo emergir outras formas de serem no mundo.

O movimento *Hip Hop* surge no final da década de 1960 como um movimento de jovens negros dos guetos pobres do Bronx nova-iorquino. O movimento se caracterizou como uma escapatória, através da arte, de uma situação de discriminação econômica, educacional e racial, que era vivenciada por essa juventude. O movimento *Hip Hop* é composto de quatro elementos: o *rap* (música), o *break* (dança), o *grafite* (artes plásticas) e o *DJ* (som). “No

Brasil, o *Hip Hop* chegou no início da década de 1980. As ruas e as praças dos grandes centros urbanos tornaram-se espaços para a socialização dessa manifestação cultural juvenil”. (NASCIMENTO & SILVA, 2012, p. 06)

“1) o significado da palavra “*rap*” enquanto sigla para *rhythm and poetry* – ritmo e poesia –; 2) o distrito nova-iorquino do Bronx como local de surgimento do gênero musical. [...] A hipótese mais provável seria, então, a de que o próprio uso da palavra “*rap*” tenha culminado na nomenclatura do gênero, fato que não eliminaria a relevância e o impacto de sua vinculação a uma sigla que, além de transitar com facilidade entre línguas latinas, desafia concepções conservadoras ao sustentar o *rap* como expressão musical e poética.” (LOUREIRO, 2016, p. 236).

Através da música e da poesia, a juventude negra e periférica, desenvolve um papel indispensável na dinâmica social pelas quais discursos, modos de sociabilidade e formas de resistência são expressos artisticamente. O que elas produzem, a poesia e o rap são uma possibilidade de rompimento da barreira da invisibilidade, do silenciamento. Através desse movimento os jovens se comunicam e ganham visibilidade. Em Sobral-CE, o movimento *Hip Hop* já se apresentava há muito tempo, sendo retomada com mais visibilidade na última década, com reconhecimento maior do estilo e com a instauração de diversas práticas juvenis e artísticas na cidade.

Segundo Holston (2008) o processo histórico desencadeado pela concentração populacional nos grandes centros urbanos e a criação das periferias potencializou, assim, uma cidadania que tem como principal protagonista aqueles que não veem na lei e nem o sistema jurídico os modos de fugir da subjugação, muito pelo contrário, os consideram instrumentos na mão de outros, para sua subjugação. Consideramos que a partir dessa percepção, jovens negros e periféricos, grupo vulnerável as desigualdades brasileiras, se colocam como críticos de uma cidadania que não iguala cidadãos, mas os seleciona. Holston (2008) nos mostra que se assume no Brasil uma cidadania diferente, na qual

“a incorporação dos indivíduos ao Estado-Nação não implica na igualdade legal entre os cidadãos. Nossa formulação da cidadania toma o *status* atribuído a categorias sociais específicas como medida para o reconhecimento de direitos e a observância de diferenças sociais da ordem de gênero, raça, ocupação, propriedade, renda e educação, que são critérios utilizados para sua distribuição seletiva entre cidadãos de diferentes tipos. A cidadania, no nosso caso, não equipara cidadãos, antes disso, é uma medida “para diferenciar e uma forma de distanciar as pessoas umas das outras” (apud CARDOSO, p. 23).

Nesse sentido, os discursos das elites é que corrobora com as desigualdades existentes em nosso país, na tentativa de uma meritocracia legitimada pelos poderes jurídicos, justificando uma possível compensação dos direitos anteriormente negados. Só que na prática, o sistema diferenciado de distribuição de direitos serviu ainda mais para a perpetuação das desigualdades do que para sua própria compensação.

O movimento *slam* nasceu nos anos 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, na mesma época que a cultura hip hop se estabelecia. O termo “*slam*” traduz-se livremente como grande barulho. Manifesta-se como um movimento social e cultural, que partilha ideias e mensagens de reivindicação. Trata-se de uma prática em torno da palavra, na qual poesias são faladas ou cantadas em diversas linguagens. Possui uma forte relação com o rap, mas temas e performances podem ser retratados de acordo com o grupo e as problemáticas que mais os interessam.

Utilizamos para este trabalho algumas produções do “Slam da Quentura” que é um exemplo de prática juvenil que acontece na cidade de Sobral, e é o primeiro *slam* de poesia recitada produzido no Estado do Ceará. Ele acontece em uma praça do centro da cidade, seu principal lema é “Poesia nua e crua: Slam da quentura”. Este movimento foi escolhido para este estudo por ser um espaço de (re)produção e reconhecimento dessas jovens periféricas e um movimento político que transita pela cidade de modo a movimentar o que já está instaurado, a modificar a geografia simbólica do espaço.

Recortamos as produções recitadas no Slam Quentura feitas pelas jovens negras, que participam do movimento enquanto Slammers, nome dado a elas como participantes da competição de rimas. Compreendendo como os marcadores sociais de raça, gênero e classe são operados pela juventude que demanda acessar direitos através do movimento. E, como a interseccionalidade, perspectiva teórica que aponta para esses entrecruzamentos, permite analisar os múltiplos pertencimentos que as atravessam e que tipo de reflexão podemos fazer a partir de suas produções.

O que interessa a essas jovens? Que ponto de vista elas abordam em suas produções? Como é que ser jovem negra periférica aparece nos raps cantados por elas? Que estigmas denunciam? Que resistências apresentam frente a eles? Tais questões permitem mobilizar a interseccionalidade como ferramenta teórica de análise.

2 METODOLOGIA

Este texto trata-se de uma pesquisa qualitativa, tipo netnográfica (AMARAL, NATAL & VIANA, 2008), na qual foram utilizados alguns procedimentos metodológicos: contatos nas redes sociais, acesso aos grupos virtuais abertos, observação, análise e transcrição das falas nos vídeos postados. Mas principalmente, nos centramos em analisar as rimas faladas pelas jovens nos vídeos.

Segundo Christine Hine (2000), a etnografia, em sua forma básica, consiste em que o pesquisador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em consideração as relações que se formam entre quem participa dos processos sociais deste recorte de mundo, com objetivo de dar sentido às pessoas, quer esse sentido seja por suposição ou pela maneira implícita em que as próprias pessoas dão sentido às suas vidas (AMARAL, NATAL & VIANA, 2008).

O Slam acontece em uma praça no centro da cidade, onde a importância da descentralização das atividades de lazer é pautada pelas jovens, que subvertem a “norma” de que o centro não é lugar para os periféricos. Com o intuito de reunir os seus e os moradores da comunidade, conseguem mais visibilidade para próprio grupo e periferia, expressando o cotidiano vivenciado por eles. Os participantes, conhecidos como slammers, são tanto homens, como mulheres e há uma competição entre eles para definir a melhor rima. A origem dos vídeos e o material para filmagem é disponibilizado pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME) da Universidade Vale do Acaraú (UVA), que possui parceria com o movimento.

O corpus foi composto de cinco rimas de jovens negras, slammers que participam do Slam Quentura em Sobral-CE. Todos os vídeos analisados estão dispostos na página do movimento, no site facebook, e o acesso é público para quem curtir a página.

Entendemos que as perspectivas a seguir são importantes para compreendermos as relações entre a juventude e o movimento hip hop e feminista negro no Brasil. Resultando, assim, na insurgência de movimentos de reivindicação de direitos que produzem e são produzidos pela juventude.

3 ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO

Cuidadosamente buscamos identificar e analisar as representações presentes nas letras dos poemas recitados pelas jovens negras. O racismo, o feminismo e a juventude emergem nas letras como voz da denúncia, que por meio dessas produções as tornam protagonistas de diversas atividades, não só em suas comunidades, mas também, fora delas, dentro dessa cidade Sobral, com suas contradições.

3.1 Das encruzilhadas de ser jovem negra e mulher no Sertão do Ceará: enfrentamentos do racismo

O contexto histórico e o racismo emergem nos poemas. Percebemos que a política, a violência, os casos policiais que surgiram na mídia e não foram solucionados são lembrados pelas jovens slammers. São exemplos, Amarildo e Claudia, negros e periféricos que foram mortos em operações policiais, sujeitos que até então, não tinham passagem pela polícia e Rafael Braga, que foi preso portando uma garrafa de pinho sol em uma manifestação

no ano de 2013 e somente liberado no final de 2017, após intensa repercussão. As jovens slammers questionam a legalidade das intervenções policiais, não deixando que caiam no esquecimento.

Como afirma **Aline**:

*Quem é Claudia ein?
Cadê o Amarildo?
Ninguém lembra mais
Eu vejo, ah eu vejo, eu vejo a compaixão seletiva de vocês
Vejo vocês se importarem, comoverem com os mortos brancos na França
Colocarem as bandeiras da França na fotinha do facebook, mas enquanto isso o sangue preto escorre na favela aqui do lado, mas isso não comove vocês*

O atentado na França deixou dezenas de mortos e feridos, na qual famosos, personalidades, líderes e diversas pessoas do mundo todo lamentaram e se solidarizaram após os ataques terroristas simultâneos que aconteceram em Paris, na noite de 13 de novembro de 2015. Ele surge, a exemplo, para fazer o contraponto entre a insensibilidade com a qual se trata os casos acima relatados e a importância que damos ao que ocorre no exterior.

No Brasil, o racismo fica evidente quando as jovens dizem não sentir a mesma comoção para com Amarildo, Rafael Braga e Claudia comparativamente à repercussão do caso francês. O que é a “fotinha no face”? É a substituição da sua imagem pela do outro na rede social, expressando a identificação com aquela causa, o sentimento de compaixão, a solidariedade. Estes são sentimentos evocados numa relação de igualdade que aparece pressuposta, ou que se deseja com a França, mas não com a periferia carioca (ou sobralense).

E, como uma prática discursiva, seleciona a solidariedade alheia. “O racismo das elites é essencialmente discursivo. Por meio da fala e da escrita, políticos, jornalistas, estudiosos, juízes e empresários expressam e reproduzem suas crenças, ideologias, planos e diretrizes.” (DIJK, 2008) O discurso emerge e legitima o não reconhecimento da questão racial. Desse modo há também a marginalização do pobre, jovem negro e periférico, retratada pela mídia e construída pela mesma de maneira sensacionalista que provoca a constituição de estereótipos e preconceitos que conduzem a sociedade a não se sensibilizar pelo “sangue negro” que escorre, mas não só por a mídia, ela é culpada sim mas não sozinha, antes dela ou conjuntamente temos a história do racismo e da desigualdade enraizada no país.

Este ideário contra o qual se insurgem as slammers remete a ideia do

branqueamento e da superioridade da raça branca em detrimento de outras raças, entendendo raça enquanto construção social e histórica e não biológica. Muitos estudos evolucionistas contribuíram para que o racismo fosse sendo enraizado em toda uma sociedade. Em meados do século XIX/ XX, o movimento eugenista, que proibia e controlava determinados tipos de contato entre povos e raças diferentes com a justificativa de considerá-los ameaças à civilização humana, vinha criando forças em vários países do mundo, inclusive no Brasil.

Estudiosos brasileiros reforçaram ainda mais uma ideia de superioridade de uma raça pura e que o branqueamento da população brasileira era a construção ideal de uma sociedade sólida e evoluída. Nina Rodrigues, médico maranhense, pensou e instaurou uma concepção negativa referente à miscigenação dos povos na cultura brasileira, haja visto que isso causaria uma degeneração mental, física e até social do país. (ALMEIDA, L.C. 2010)

Ser negro era quase como uma sentença: a população carcerária até os dias atuais é majoritariamente negra. “O negro era o ‘macaco’, ‘criolo’, ‘escurinho’, sinônimo de perigo. E foi a partir dessa negação, dessa construção e idealização de uma forma de ser branco, negando a existência de outras estéticas e revelando o mito da democracia racial, que a identidade negra no Brasil foi construída. Portanto, como estabelece Gomes (2005, p.43) “A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural”.

As equivocadas visões de quem tinha o poder de criar verdades, conseqüentemente, produziram uma sociedade excludente. O racismo é justificado pela desigualdade entre as “raças”, a inferioridade se diz cultural, intelectual e psíquica (GUIMARÃES, 1999). No Brasil, o racismo está presente nas práticas sociais e nos discursos, de modo “silencioso”, pelo mito da democracia racial.

Gomes (2005) conceitua:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (p.52)

Para tanto, dizemos que ser negro no Brasil é um movimento de luta, pois perpassa essa identidade que é construída historicamente. Nesse sentido, a construção do negro “implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.” (GOMES,

2005, p.43)

Santos (1998) destaca, também, que:

(...) ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o “tornar-se negro” num clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem. (p. 3)

Diante de todos esses apontamentos direcionamos, então, nosso pensamento para a desigualdade social brasileira e como a mesma está totalmente amparada pelo racismo enquanto um sistema sólido. E é moldada dentro dessa história de subordinação do negro e naturalizada em um país onde existem privilégios para uns e não para todos, que estão principalmente ligados ao sistema de classe², ligado ao empobrecimento, acumulado durante a história, modo pelo qual o racismo operou após a escravidão. Há de se dizer que dentre os mais pobres, os negros são majoritariamente representados, a pobreza tem “cor”, porém a invisibilidade a esse sistema é continuamente reforçada.

Já na política, as jovens se colocam como contrárias à tomada de poder do presidente em exercício, Michel Temer. Denunciam políticos que expressam o racismo, o preconceito e a homofobia em suas declarações, como Bolsonaro, deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC) eleito defendendo um ideário militarista e uma bancada conservadora. Essa perspectiva emerge quando aludem à corrupção brasileira e denunciam, enquanto juventude, a forjada democracia.

Sabrinah:

Então Temer, sai! Facilita, leva o Bolsonaro e tua gangue de trambica que o povo pede a mulher luta, o gay afronta e não recua”

Estas figuras são apontadas, não como representantes, mas como antagonistas ao povo. A questão de gênero também é reafirmada, tendo em vista que tais figuras políticas são entendidas como intolerantes às presenças de mulheres. A exemplo, Bolsonaro, em 2014, afirmou, publicamente na Câmara e em entrevista ao jornal, que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) não merecia ser estuprada porque ele a considera “muito feia” e porque ela “não faz” seu “tipo”. Além de declarações sobre mulheres ganharem salários menores porque engravidam etc., incitando não só a cultura do estupro, como a subalternidade da mulher.

Nesse sentido, a categoria de gênero foi acionada para a inspiração dessas jovens, as mesmas ao se posicionarem enquanto mulheres, negras, que denunciam e se colocam diante das exclusões, detectamos no movimento feminista negro, a solidão da mulher negra,

² Citamos classe não somente como um fenômeno econômico, mas também como posse de bens materiais e culturais. (GUIMARÃES, 1999)

retratada em dois raps.

Como **Fran** diz:

*“Mãe preta abandonada, buchuda, sem aprovação
De casa foi logo expulsa
Saiu com a roupa do corpo e uma sacola na mão
Mas criou foi os “fi” sozinha
Que mesmo em face da maior dipindura com a sua vida cruel e dura
Nunca lhes faltou um pão”*

E **Sabrinah**:

*“Eu não sou tuas nega, eu não sou tuas branca
Não somos rotuladas, temos nossa própria manta”*

Percebemos que os marcadores de raça e gênero influenciam diretamente as escolhas afetivas. Nossa sociedade está afundada em um dispositivo racista que gera estereótipos, a escolha afetiva das mulheres negras não podem ser descorporificadas. E não falamos somente da escolha referente a um parceiro sexual, falamos, também, da mãe solo que por algum motivo cria o filho, sozinha.

Observamos que a raça é uma característica envolvida nesse dado, a maioria das mães-solo é negra. Os dados sobre Nascidos Vivos do DATASUS (Sistema de Informação do Ministério da Saúde) demonstrou que as mulheres que tiveram filhos em 2013, por raça/cor, as mulheres negras solteiras representaram cerca de 43,6%, enquanto as mulheres brancas 34,8%³.

Em 2005, foi publicada na Revista *Veja*⁴, uma matéria com o seguinte título: “Capitais da Solidão: Pesquisa mostra quais são as cidades brasileiras com maior número de mulheres sozinhas”. A matéria aponta que, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no censo de 2000, “a partir dos 30 anos de idade, a taxa de solidão feminina aumenta e a do homem diminui”. Além dos fatores demográficos, número de mulheres e homens, outras razões, também, foram indicadas, como a situação sócio-econômica das mulheres, o nível de instrução e a região.

De acordo com a referida pesquisa, a Bahia é o estado de maior concentração de mulheres sozinhas, isto é, sem parceiros; em Salvador, esse número chega a 51%. Entretanto em nenhum momento a raça foi acionada como um fator determinante nesse dado, porém

³ Disponível: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>>

⁴ Ano 38, nº 17, 27 de abril de 2005

observamos que Salvador, de acordo com o censo de 2002 do IBGE, tem uma população composta de 80% de negros e mestiços. No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil.

O tema voltado para as relações afetivas da mulher negra surge, portanto, especificamente no ano de 1987, com a pesquisadora Elza Berquo. Ela analisou as diferenças etnico-raciais entre as populações negras e brancas em sua pesquisa intitulada de A Nupcialidade da População Negra no Brasil na qual se atentou aos dados de que além da idade, a cor é um fator definitivo na escolha dos tipos de união e percebe que a cor tem muita mais relevância no que tange a escolha da parceira.

Compreendemos que há nas letras, a manifestação da mulher negra que não é só corpo, mas busca se colocar em interface aos estereótipos racistas e machistas. O desprezo e estereótipos gratuitos referentes à imagem do corpo negro são cantados. A violação ao corpo, simbólica, que as jovens recitam, são representadas em seus próprios corpos.

“Nega feia, beijo revirado, pra passar batom naquele beijo, deve gastar um batom danado”. (Cosma)

“vadia, mas que ousadia, que baixaria, ensine o seu filho a respeitar e não eu a trancar minha filha” (Sabrinah)

Nota-se também, a manifestação pela importância do feminismo e a denúncia a cultura do estupro, que se caracteriza como uma naturalização dos comportamentos e assédios sexuais contra a mulher, gerando uma dominação sobre o corpo, sobre o patrimônio e a sexualidade feminina, o que se embasa nas mais diversas formas de poder, culpabilizando a vítima e objetificando a mulher.

“A menina foi estuprada na frente da filha pequena e em plena madrugada foi assassinada sem pena” (Fran).

A representação da mulher e, mais especificamente, a representação da mulher negra enquanto sujeito na sociedade como observamos, é de subalternidade tanto em relação aos homens como as mulheres brancas. Além disso, a participação da mulher num movimento que em seus primórdios era totalmente ligado aos homens, o hip hop, hoje nos mostra que a mulher entra nesses espaços buscando reivindicar todos os direitos que lhes são negados todos os dias. Essa problemática mulher, jovem, negra e da periferia nos dá margem a questionar e refletir sobre as práticas culturais enraizadas na sociedade.

bell hooks (2015)⁵, entende que o feminismo surge não das mulheres que são mais vitimadas pela opressão machista, diz ainda que o livro, ainda muito conhecido e saudado como o impulsor do feminismo, *The feminine mystique*, de Betty Friedan, publicado em 1963, foi escrito como se essas mulheres que sofrem opressões diárias, que são impotentes para mudar sua realidade, mulheres sem filhos, sem pais, sem maridos e que trabalham diariamente já não existissem. Que fique claro que o movimento feminista deu sua grande contribuição para o que pensamos hoje sobre os diversos âmbitos, e que sem ele as mulheres não estariam onde estão hoje em seus mais diversos lugares, mas sua desconstrução é necessária para pensarmos a interseccionalidade.

Para a bell hooks, o livro se referia as mulheres brancas, casadas, bem instruídas e de classes favorecidas e que o mesmo não deu conta de pensar sobre a existência de outras mulheres em situações completamente opostas. Ao fazer isso, a luta de classes, o racismo e o machismo foram deixados de lado a fim de uma massa que queria ultrapassar um sexismo que obrigava as mesmas ficarem em casa, fossem “belas, recatadas e do lar”⁶. Porém não se deteve a pensar sobre as mulheres que há muito já trabalhavam fora de casa, tinham suas próprias vidas, mantinham seus próprios lares, muitas vezes sem ter nenhum tipo de instrução. O que só nos reforça a ideia de que esse domínio do discurso feminista não percebia a supremacia branca.

Assim as mulheres negras já se sentiam oprimidas antes mesmo do feminismo surgir como um campo de estudo e que as mulheres brancas precisarem de uma teoria para informa-las dessa opressão só reforçam os privilégios. Portanto a presença das mulheres negras no feminismo não tinha força, a organização delas enquanto grupo de resistência era pequeno, graças a todas as discursões que muitas vezes não as cabiam e não falavam sobre elas. Além de, por conta de toda a história do racismo, as mulheres brancas reproduziam os mais diversos estereótipos sobre as mulheres negras, a “força da mulher negra”, “feita para trabalhar” que excluía o discurso de vitimização que as negras traziam.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta

⁵ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. A autora prioriza que se utilize seu nome dessa forma, a mesma se justifica que assim, estabelece a importância do conteúdo de seus textos em comparação com a sua biografia.

⁶ Expressão que ficou famosa em abril de 2016, após a Revista Veja publicar um artigo intitulado “Bela, recatada e do lar” falando sobre a esposa do vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer. A revista foi duramente criticada e milhares de mulheres ironizaram o tom tradicionalista do perfil, afirmando que Marcela não as representaria.

sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer “outro” não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir. As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres (hooks, b. 2015, p.207).

A interseccionalidade, portanto, enquanto ferramenta teórica surge e se consolida a fim de fazer emergir discursões sobre as lutas e representações das mulheres negras que, até então, eram negligenciados pelo feminismo. Então, a importância de se tratar a interseccionalidade raça e gênero como um campo de estudo e embasamento para a análise dos estudos feministas e das relações étnico-raciais.

Foi, então, nos anos 80 que o feminismo negro deslanchou de vez no Brasil, principalmente no que se refere às produções acadêmicas voltadas para a mulher. Porém observamos que as relações raciais brasileiras tem um modo bastante específico de operar, “o racismo no Brasil aponta duas representações do negro: uma como exótico-sensual, que atrai e dá prazer e outra como exótico-violento que gera repulsa e dá medo”. (SANTOS, 2004, p.30)

Essas duas formas de representação também são elementos do racismo e é interessante que as analisemos do ponto de vista da jovem negra que carrega consigo os marcadores do gênero e da raça em uma sociedade racista e patriarcal além de ser periférica em uma sociedade de classes. Como Nunes (2016, p. 385) aponta que “o racismo é um elemento estrutural/estruturante das vidas em sociedade, presente nas relações sociais e que se manifesta de maneira complexa quando relacionado a aspectos intergeracionais e de gênero”.

3.2 Ser jovem sobralense

A relação com a cidade de Sobral é evocada. Em um dos poemas, Sabrinah diz:

*“Da ponte pra cá rola cultura, educação
Rola mano com grafite, poesia feita à mão,
Rola rap, rola funk, não é só a violência
Rola a sabedoria ausente em várias presidências
Terrenos novos é orgulho, é verso, é poema”*

A geografia do lugar é lida a partir dos usos que são feitos dos marcos arquitetônicos. Uma ponte, que deveria ser construída para permitir o trânsito, converte-se numa fronteira ou mesmo numa trincheira no cotidiano dos jovens periféricos. Demarca

simbolicamente a separação entre o centro e a periferia, e, porque não dizer, a violência selvagem oposta à civilização, o abismo entre um lugar bom e um lugar ruim. A cidade se encontra cheia dessas subversões: não é só a ponte, é a margem, é o centro histórico que são praticados como divisores dessa cidade em dois mundos: o dos eleitos e o daqueles a quem o primeiro é proibido.

Os movimentos que as meninas produzem retratar essa separação fazem aparecer a diversidade e a cultura existente do lado de lá, ainda que produzidas fora dos cânones do considerado culto, belo ou artístico. Ser jovem sobralense tem destaque nas produções das jovens, escancaram a marginalização da periferia, além da estigmatização da jovem negra, já retratada.

O tensionamento que se coloca diante as letras é de uma cidade que ainda estigmatiza a periferia, que a tem na violência a principal aliada para instaurar essa separação. É onde os raps se tornam instrumentos mobilizadores, de visão para uma sociedade cega e estereotipada. A periferia fala para que o centro a reconheça enquanto lugar, de arte, de envolvimento e questionamentos.

*“Ao longe, ali ao longe eu vejo pretos periféricos aos montes em roda,
ouvindo alguém
Eles tão escutando poesia, poesia, vocês tão ouvindo, eles estão
escutando poesia
Poesia que não mata, mas salva para o outro dia
Que morre e cria pontes constantes para outros mundos distantes
E bate no peito que arde as rimas prontas para o combate
Que contam a realidade com muita sinceridade e invade a mente e o
peito que arde”*
(Fran)

E, nesse processo de denúncia da violência, observamos a esperança e a união dos jovens, de um dia as coisas mudarem, de elegerem o Slam, a poesia, como forma de vencerem as adversidades. Jovens excluídos, social e culturalmente, que, como nos alerta Dayrell (2005), “jovens que vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão social” que ao mesmo tempo produzem e criam formas alternativas de lazer pelos grupos aos quais pertencem, criam formas de resistências e lutas, combatendo as exclusões que vivenciam em seu cotidiano, a exemplo do rap.

Conseguem retratar os casos em que os jovens pretos são parados pela polícia, as mortes recorrentes. E é esta juventude considerada pobre e marginalizada, vista por muitos como perigosa e delinquente, é que fortalece formas transformadoras de ser jovem no mundo

atualmente.

“[...] E é por este motivo que eles estão aqui, para serem lidos e vistos como produtores de saberes, de fazeres e de práticas culturais significativas e relevantes, tanto para a sociedade brasileira quanto para o entendimento dela.” (OLIVEIRA E SGARBI, 2002, p. 17).

Durante o ano de 2017, vários jovens foram assassinados na cidade, parece que as vidas pretas e pobres importam menos. Em números, mais 100 assassinados já foram registrados até outubro e em níveis de banalização e justificativa o que as meninas trazem condiz com a realidade.

A exemplo, um dos principais motivos levantados seria a disputa por território, muito comum na cidade de Sobral, gangues rivais que não permitem o fluxo de determinadas pessoas dentro da cidade. Não podemos esquecer que isso produz um espaço próprio de cada grupo/gangue, espaços exclusivos de suas vidas e atuação. Uma manifestação do que é desejado, haja vista, o consumismo, as drogas, o mundo ludibriado do crime. Neste sentido, Diógenes afirma que

“A violência entre as gangues embora provoque níveis diferenciados de destruição, saques, quebra-quebras, roubos, ou mesmo mortes, representa um modo de expressão, uma forma radical de enunciação de setores que se mobilizam para afirmarem sua presença, nem que o preço seja a morte épica, anunciada e alardeada pela mídia.” (DIÓGENES, 1998, p. 164).

A mobilização frente à violência é de banalização e até mesmo de normalidade, tudo passa a ser corriqueiro e justificável. “Ah, mas ele era envolvido com drogas”, “Deve ter sido a gangue rival”, e assim escutamos nas ruas, na mídia, nas rádios, todos os dias. A violência segue, os jovens continuam morrendo e nada sendo feito.

A indignação frente a tanto descaso aos marcadores de gênero e raça transformam os raps em instrumentos de mobilização política e social que essas jovens refletem não só o cotidiano, mas o que elas buscam enquanto melhorias para os seus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo percebemos que o conceito de interseccionalidade funciona como forma de compreender as pautas levantadas pelas jovens em sua complexa articulação envolvendo seu momento de vida nos recortes: etário, de gênero, classe e raça. Inferimos que há a necessidade de movimento por parte da juventude, que por meio dessas produções expressam suas subjetividades, em detrimento de todas as dificuldades que enfrentam na periferia, se reafirmando. Manifestam-se contra uma cidadania que se baseia no privilégio de

uns em detrimento de outros.

Entendemos que esse não é um movimento neutro e nem imune a revezes. Essa cidadania provoca reações contrárias dos grupos que historicamente foram beneficiados e privilegiados das desigualdades sociais. A resposta a essas reações aparece nos poemas.

Se as classes mais empobrecidas, os negros e os jovens da periferia acessam a cidade e se não se há mais um sistema de desigualdades, ele logo dá um jeito para encontrar outros mecanismos que possam conceder, novamente, esses “direitos das elites”, seja por meio do discurso, seja por meio da segregação, da centralização dos espaços públicos, da seleção de lugares por onde se deva andar, na barreira simbólica que é construída dentro da cidade separando essa sociedade, muitas vezes se legitimando da violência e na marginalização da periferia.

Raça, classe, gênero e idade são articulados na poesia das jovens em um complexo mosaico que nos deixa entrever suas condições de vida, preocupações e aspirações. Funcionam também como munição contra a violência da qual se veem alvo.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, L.C. Trilhando seu próprio caminho: Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras, a experiência das organizações Geledés/SP e Criola/RJ. Rio de Janeiro, 2010.
- AMARAL, A. NATAL, G. VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Porto Alegre, nº 20, dezembro 2008, Famecos/PUCRS.
- BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. Revista Estudos Feministas. N. 02, 1995, p. 458-463.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CARDOSO, M. Democracia disjuntiva e cidadania insurgente, Soc. estado. vol.30 no.1 Brasília Jan./Apr. 2015. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922015000100269 >.
 Acessado em 28/08/2017.
- COLLINS, P.H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. 2017 V.5, N.1. Disponível em <
<http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>>
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- DAYRELL, J. A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- _____. O Jovem como sujeito social. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003. Nº 24.
- DIÓGENES, G. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998.
- GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.
- GONZALEZ, L. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: **Raça e Classe**. a. 2, n.5, Brasília: MNU nov./dez de 1988.
- HOOKS, B. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.
- DIJK, T.A. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G.P. & LIMBERTI, R.P. (Org.). Discurso e Desigualdade Social. Editora Contexto, 2015.
- LOUREIRO, B.R.C. Arte, cultura e política na história do rap nacional. In TEPERMAN,

Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. • n. 63 • abr. 2016 (p. 235-241).

NASCIMENTO, A.L. & SILVA, D.O. Hip Hop, estilos e juventude (s): A prática juvenil rap em Teresina- PI. In: Colóquio Internacional Culturas Jovens - Afro-Brasil América: encontros e desencontros. São Paulo: 2012. Disponível em: < <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cjaba/n1/01.pdf> >. Acessado em 28/08/2017.

NOGUEIRA, I. Significações do Corpo Negro, 1998.

PACHECO, A.C.L. Mulher Negra: afetividade e solidão, 2008.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 1997.

RODRIGUES, C. Atualidade do Conceito de Interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em < <https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf> > Acesso em 30/10/17.

SANTOS, G. A. Mulher negra, homem branco. 1 ed. Rio de Janeiro: pallas, 2004.

SANTOS, N. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, 1998.

SILVA, J.C.G. Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana. Campinas, SP. 1998.

SOUSA, R.F. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(1): 422, janeiro-abril/2017

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DOS RAPS

Sabrinah

1-

Meu escritório é na rua, minha poesia é crua

A nossa luta é todo dia, quem se esquia sabe que a palavra arde vindo da periferia

Mas eu não sou da tua laia não

Eu não me submeto ao papel de negrinha do samba

A bonitinha que requebra sustentando a tua e a do governo pilantra

Eu não sou tuas nega, eu não sou tuas branca

Não somos rotuladas, temos nossa própria manta

Troclodita que me agride, mas não quer que eu revide

Todo dia só regride ... psiiiiiu, silêncio, cala a boca e não me irrite
 Mas me diga no sotaque nordestino “Tens orgulho de onde veio e terás do teu destino?”
 Me prende e me contagia a avassaladora tecnologia
 Não olho raça, cor ou religião e não envergonho de ser vadia
 Sim, vadia! Sou mãe solteira, fui oprimida, quase morta, agredida
 Curto funk, mas não dou para qualquer porcaria
 Diga quem me rotulou, se nos becos desertos ecoa de perto e eu paro e observo, vadia, mas
 que ousadia, que baixaria, ensine o seu filho a respeitar e não eu a trancar minha filha
 Chega brilha lá de longe e daqui eu posso ver
 Somos nossas rivais
 Não temos direitos iguais porque assim a mulher chegaria ao poder
 E pode crer que o sistema não cai, mas se a voz do povo é a voz de Deus
 Então Temer, sai! Facilita, leva o Bolsonaro e tua gangue de trambica que o povo pede, a
 mulher luta, o gay afronta e não recua
 Corpo morto, voz ativa, pera aí cadê meu direito de vida?
 “Meu escritório é na praia, eu tô sempre na área, mas eu não sou da tua laia não”

2 – Sou filha, sou fruto, sou ventre,

Terrenos Novos, rajadas, pancadas, felicidades em fogos
 Sobrevivendo sem pisar em ninguém
 Sonhando com o futuro, rezando, dizendo amém
 Da ponte pra cá rola cultura, educação
 Rola mano com grafite, poesia feita à mão,
 Rola rap, rola funk, não é só a violência
 Rola a sabedoria ausente em várias presidências
 Terrenos novos é orgulho, é verso, é poema
 Nós por nós nas correria, esse é o nosso lema
 Como em todo lugar a violência se faz presente
 Mas a sede de mudança e de justiça entre a gente
 E eu repito e grito “Terrenos novos tem talento”
 Conheço provas vivas e sempre me surpreendo
 Da quebrada que eu venho a gente tem nosso valor
 Seja pobre, seja rico, sem espinhos somos flor

*Mas tem gente alienada que constrói imagem errada
E o meu povo, a minha gente, é vista como ameaça*

Aline

*Eu vejo, eu vejo os meus sendo presos
Eu vejo os meus sendo mortos, eu vejo sendo tirada deles todas as oportunidades
Eu vejo eles sendo descartáveis
Eu vejo, vejo vocês aí no sofá da sala
Eu vejo vocês aí atrás da tela do computador colocando hastags revolucionárias
Achando que estão abalando, que estão fazendo muito, escrevendo somos todos Cláudia
Libertem Rafael Braga
Eu vejo vocês se esquecerem rápido demais viu
Eu vejo vocês se perguntarem, mas não saberem
Quem é Claudia ein?
Cadê o Amarildo?
Ninguém lembra mais
Eu vejo, ah eu vejo, eu vejo a compaixão seletiva de vocês
Vejo vocês se importarem, comoverem com os mortos brancos na França
Colocarem as bandeiras da França na fotinha do facebook, mas enquanto isso o sangue
preto escorre na favela aqui do lado, mas isso não comove vocês
Eu vejo, vejo vocês tamparem os ouvidos para tudo que a gente ouve todo dia
Eu vejo vocês acharem que são nossos salvadores, mas não entenderem que só nos
atrapalham com essa morna rebeldia
Eu vejo, não! Eu não vejo, eu não vejo mais nada, porque a minha visão está tampada
Com o tanque de guerra que encontro assim que saio de casa
Eu não vejo mais nada porque a minha visão tá encharcada com o sangue preto que escorre
na quebrada
E eu me pergunto: meu Deus, meu Deus porque nos abandonaste
Meu Deus, meu Deus não vê que nosso suor sagrado é bem mais velho que esse sangue
amargo
Meu Deus, meu Deus estamos cansados de sermos mortos
Não vê que somos tão jovens e tudo que queremos é uma vida digna e oportunidades*

Cosma

Arapuã, Minas Gerais

Roberta diz que está indo, porém não sabe explicar

Como as mães de duas alunas pôde o racismo escancarar

A mãe não gostou das novas professoras das duas filhas

Agora lascou, é preto de cá, é preto de lá

Nega feia, beijo revirado, pra passar batom naquele beijo, deve gastar um batom danado

Preto nem café, só tomo coca, tudo que for preto eu não gosto, não dou certo com preto

A moradora local achou um absurdo, isso dói em todo mundo

Cor não se mede, é pelo caráter que se mede

Já dizia Jesus Cristo, amai o povo como vos amei

Até nossa senhora Aparecida era pretinha e o povo ama

Roberta denunciou o crime

Mas que besteira, ninguém pode mais dizer uma brincadeira que é logo acusado de injúria racial, falou Margarida sentada no sofá enquanto ouvia a notícia no jornal

A mesma Margarida que mais tarde irá para o culto diante de Deus orar

Não julgais para não ser julgado

Roberta procura não ficar nervosa, mas não tem como disfarçar a tristeza o porquê de tanto ódio da sinhá

Depois de tudo diz, isso veio para conscientizar a importância de sermos diferentes

Somos diferentes, porém únicos

Amo minha profissão, porém silenciou e disse: jamais exponha seus filhos a situação de racismo, pois como Sabrina Sá já diz e Fran reafirmou “racismo cresce por geração”

Não se nasce racista, torna-se racista

Esse texto não é meu, vi na televisão, mas me tocou, me dilacerou num instante

Mas é minha indignação

A dor de Roberta é de todos nós

É dor que busca um refúgio, a sabedoria

E busca o respeito as diferenças

Ela está tentando ficar calma, menos nervosa

Mas só quem sentiu na pele sabe que Roberta está ferida

Está rasgada, está sentida, tá ressentida

Primeiro levar os negros, mas não me importei com isso, eu não era negro

Agora, agora, estão me levando, mas já é tarde

Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importou comigo

Levaram todos, não sobrou ninguém além de mim mesmo
Me sinto só
Não, não, não é tarde, nunca é tarde
Uni-vos na dor de Roberta, uni-vos na luta de igualdade, terra e liberdade
Uni-vos na cor, feito panteras
Uni-vos no amor infinito
Negradas e trabalhadores do mundo inteiro
Uni-vos na porra toda e vamos quebrar o pau.

Fran

Ao longe, ali ao longe eu vejo pretos periféricos aos montes em roda, ouvindo alguém
Eles tão escutando poesia, poesia, vocês tão ouvindo, eles estão escutando poesia
Poesia que não mata, mas salva para o outro dia
Que morre e cria pontes constantes para outros mundos distantes
E bate no peito que arde as rimas prontas para o combate
Que contam a realidade com muita sinceridade e invade a mente e o peito que arde
Calma! A história que vou contar aconteceu um tempo atrás
Mãe preta abandonada, buchuda, sem aprovação
De casa foi logo expulsa
Saiu com a roupa do corpo e uma sacola na mão
Mas criou foi os “fi” sozinha
Que mesmo em face da maior dipindura com a sua vida cruel e dura
Nunca lhes faltou um pão
E isso tudo aconteceu bem no meio do meu sertão
A menina foi estuprada na frente da filha pequena e em plena madrugada foi assassinada
sem pena
E nos blogs só ficou aquela velha agitação, pois não havia interesse por uma real solução
Tudo isso aconteceu bem no meio do meu sertão
Um mano preto foi parado pela polícia branca lá na rua e se querem quiseram devolver a
pobre carteira sua
Pegou documento e RG e jogou foi tudo no chão e o cabra saiu humilhado diante da situação
Tudo isso aconteceu bem no meio do meu sertão
E não vão aqui nem falar dessa policia racista que o lema é eliminar o preto, pobre da vista
Só cresce aqui a indignação porque para eles tá tudo bem

Para nós aqui não tá não

Tudo isso acontece bem no meio do meu sertão

E é ódio, é racismo, é a homofobia, é discriminação, é machismo, é misoginia

E a gente repete tema escrevendo as nossas rimas

Mas agora nós fala de baixo, pois já somos esmagado de cima

Já cansei desses cruel tirano que há anos estão no poder

E agora é nós que pode, nós e uma pulsação

E a gente repete, descreve toda essa situação

E a gente denuncia e se for acusado de rebeldia nós deixa ele em agonia

Porque aqui nós somos poesia da periferia no meio do sertão

Nós somos parte dessa revolução

Ao longe eu vejo pretos periféricos aos montes com rimas prontas pulsantes

Cortantes

Esperando o momento certo de partir para ação.